

---

## Notícias de uma resistência coletiva: Sete Saltos de Baixo, o último faxinal de Itaiacoca<sup>1</sup>

Luísa Lis Andrade MAINARDES<sup>2</sup>

José Carlos FERNANDES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

### RESUMO

O presente trabalho propõe relatar os conflitos seculares vividos pelo sistema faxinal, a partir de duas imersões em Sete Saltos de Baixo, última comunidade com características faxinalenses do Distrito de Itaiacoca, em Ponta Grossa, Campos Gerais, Paraná. O trabalho, consolidado em um livro-reportagem, também possibilita a reflexão sobre o futuro dos povos tradicionais que constituem estes territórios no Paraná. A partir desta premissa, objetiva-se, por meio de práticas de jornalismo cidadão e literário: narrar as memórias dos faxinalenses e da resistência coletiva do último faxinal de Itaiacoca; traçar uma linha do tempo histórica sobre o sistema faxinal do Paraná; e localizar o futuro da luta faxinalense em meio ao contexto político brasileiro. Conclui-se o valor que a prática dos métodos jornalísticos possui para a criação de uma narrativa que contemple e promova a visibilidade dos povos tradicionais do Paraná, em especial a luta faxinalense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Faxinal; Paraná; Povos tradicionais; Jornalismo cidadão; Livro-reportagem

### INTRODUÇÃO

Com mais de dois séculos de história, o sistema faxinal faz parte da identidade do Paraná tanto quanto a araucária e a gralha-azul. As raízes deste sistema remontam tanto à colonização ibérica e às Reduções Jesuíticas, no século XVII, quanto às primeiras ocupações rurais coletivas de imigrantes europeus, no século XVIII. A consolidação do sistema está associada a um conjunto específico de fatores econômicos, políticos e socioambientais do estado, como o desenvolvimento da economia ervateira, no século XIX. Com o tempo, esses grupos, organizados por núcleos familiares e localizados principalmente nos Campos Gerais, no Centro-Sul do estado, constituíram as primeiras comunidades nos moldes do sistema faxinal no Paraná (CHANG, 1985).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8.º semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [luisalismainardes@gmail.com](mailto:luisalismainardes@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor do Curso de Jornalismo da UFPR, e-mail: [zeca@ufpr.br](mailto:zeca@ufpr.br)

---

Dois princípios são fundamentais para uma ampla compreensão do funcionamento de um faxinal: as terras de plantar e terras de criar. Os núcleos familiares compartilham as terras de criar, ou seja, dedicadas à criação animal, ao mesmo tempo que utilizam individualmente as suas terras de plantar, ou seja, pequenas lavouras. O caráter coletivista do uso da terra e da criação animal, portanto, é o que diferencia os faxinais de outras formas de produção camponesa no país (CHANG, 1985). A união dessas pequenas propriedades possibilita que a criação tenha mais pasto à disposição, compondo o sistema de “criadouro comum”, área que varia conforme a localidade.

O sistema também é reconhecido por garantir a conservação ambiental e a biodiversidade das regiões em que estão instalados, realizando o trabalho agrícola de forma sustentável, com a agricultura de subsistência, a extração de pinhão e a plantação de ervas medicinais. Prova disso é que em quase todas as regiões verdes do Paraná — exceto na Serra do Mar e em grandes unidades de conservação — concentram pequenos territórios nascidos da relação saudável dos trabalhadores do campo com a natureza.

Na década de 1990, no entanto, o Instituto Ambiental do Paraná (IAP) reconheceu que, assim como as florestas nativas, os faxinais também estavam sumindo das paisagens naturais do estado. A partir de então, organizações rurais e ambientais começaram a se movimentar em prol da preservação dessas comunidades, bem como os próprios agentes faxinalenses, que já tinham pequena participação nos movimentos sociais. Seis anos depois, o governo estadual criou as Áreas Especiais de Uso Regulamentado (Aresur), uma categoria específica de proteção dos territórios (PARANÁ, 1997), que permitiram aos faxinais serem recompensados com o ICMS Ecológico, valor que nem sempre é integralmente repassado às comunidades, conforme relatos dos povos faxinalenses.

Em agosto de 2005, em Irati, no Sudeste paranaense, cerca de 200 representantes faxinalenses, selecionados em reuniões em mais de 30 faxinais, criaram a Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF), o seu principal meio de pressão sobre o poder público (SOUZA, 2008). Dois anos depois, como fruto da mobilização, o Paraná promulgou a Lei nº 15.673, na qual certifica e legitima o sistema faxinal como “uma comunidade tradicional camponesa merecedora de preservação como patrimônio imaterial do Estado” (PARANÁ, 2007). No entanto, em meio ao surgimento desenfreado das grandes plantações dedicadas ao agronegócio, e ao desrespeito às

---

comunidades tradicionais, os faxinalenses relatam constantes conflitos fundiários com violações das suas propriedades, roubos, lesões e até mortes dos seus animais.

O interesse pela produção deste trabalho nasceu em 2019, na disciplina de Jornalismo Impresso e de Revista, quando a autora teve a oportunidade de conhecer o faxinal Campestre dos Paula, localizado em Mandirituba, Região Metropolitana de Curitiba. Em 2022, para o seguimento desta pesquisa, a autora realizou duas imersões no faxinal Sete Saltos de Baixo, localizado no distrito de Itaiacoca, em Ponta Grossa, nos Campos Gerais do Paraná. A partir destas experiências, a realidade do sistema faxinal e as opressões enfrentadas por estas comunidades instigaram o livro-reportagem *Serra das almas: notícias de um faxinal que se despede*<sup>4</sup>.

Neste sentido, o principal objetivo deste trabalho é: por meio de práticas de jornalismo cidadão, ambiental e literário, narrar, em forma de livro-reportagem, as memórias e depoimentos dos moradores de Sete Saltos de Baixo, dando luz às questões que dificultam a existência do faxinal. Em seguida, traçar uma linha do tempo histórica sobre a criação, desenvolvimento e atual situação do sistema faxinal do Paraná e localizar a luta faxinalense em meio ao contexto político, abrindo margem para a reflexão sobre os futuros caminhos do sistema no Paraná.

Com pilares fundamentados no jornalismo cidadão, ambiental e literário, esta pesquisa também se propõe a promover maior visibilidade ao assunto perante os paranaenses, em sua maioria, alheios à realidade de uma das comunidades mais tradicionais do estado. Espera-se que o produto possa conceder informações acessíveis e relevantes para a sociedade civil, em complemento aos trabalhos científicos existentes, ao passo que esclareça, de forma elucidativa, as origens, o presente cenário e os possíveis rumos do sistema no Paraná.

## **OS FAXINAIS**

A intensa imigração com destino ao Brasil e, nesse caso, ao estado do Paraná modificou as relações socioculturais e econômicas da região, tanto nos centros urbanos em desenvolvimento, quanto nas propriedades rurais. Aos poucos, os grupos de imigrantes partiram para o interior do estado e se fixaram em regiões de matas mistas,

---

<sup>4</sup> Obra disponível no link: <https://bitly.com/rqZTXL>

integrando-se à economia ervateira (CHANG, 1985). Para Chang (1985), é neste momento que as organizações camponesas nos moldes faxinalenses ganham forma. Para outros estudiosos, como Nerone (2015), esse tipo de expressão e lógica rural estava previamente moldada e a chegada dos imigrantes atuou em paralelo, contribuindo para a sua consolidação.

O sistema faxinal e as comunidades desenvolvidas a partir desta estrutura, mesmo com uma existência secular, começaram a ser alvo das pesquisas científicas somente a partir do início da década de 1980. Inicialmente, conceituou-se os faxinais com base nas concepções regionais do sistema, no qual estas primeiras produções compreendiam o sistema como “...criador grande, provavelmente se referindo às pastagens naturais existentes na região e que facilitavam, pelas condições da vegetação, a criação extensiva de animais” (CARVALHO, 1984, p. 16).

Com o avanço das pesquisas científicas das universidades do interior do Paraná, o conceito se desenvolveu, sendo considerado um sistema de produção familiar baseado nos criadouros comunitários e nas áreas de lavoura. Distingue das demais formas camponesas de produção no Brasil pelo seu caráter coletivo no uso da terra para produção animal (CHANG, 1985). Em paralelo, também pode ser considerado como um povo ou comunidade tradicional ao possuir a sua própria forma de organização social, através do uso de suas terras e recursos naturais “como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007, *on-line*).



Fonte: Revista Globo Rural, 2010. Ilustração de Vanessa Reyes.

Em pesquisas mais recentes e críticas aos estudos desenvolvimentistas, o sistema faxinal representa a ocupação de terras para produção familiar, no qual “combinam apropriação privada e comum dos recursos naturais, tendo o controle e uso dos recursos considerados comuns à existência física e social” (SOUZA, 2010, p. 17). Esta concepção mais recente também ressalta o conjunto de normas e culturas de resistência construídas pelo saber local, desde o final do século XIX.

Quase dois séculos depois, o Paraná promulgou a Lei n.º 15.673, na qual reconhece os faxinais a partir de quatro principais características, sendo elas:

- a) A produção animal à solta, em terras de uso comum; b) O extrativismo florestal de baixo impacto aliado à conservação da biodiversidade; c) A produção agrícola de base familiar, policultura alimentar de subsistência, para consumo e comercialização; e d) A cultura própria, laços de solidariedade comunitária e preservação de suas tradições e práticas sociais (PARANÁ, 2007, *on-line*).

Na primeira metade do século XX, estimava-se que o uso coletivo da terra nos moldes do sistema faxinal representava um quinto do território paranaense. Atualmente, os faxinais são encontrados com menor frequência entre os tipos de organizações rurais, e poucos se autodenominam “faxinais”. Segundo pesquisa do Mapeamento Social dos Faxinais no Paraná (2008), há 32 municípios com ocorrência de faxinais no estado, com relativa predominância na microrregião de Guarapuava, na qual se registra a presença de 55 faxinais. No total, o Paraná possui aproximadamente 230 faxinais distribuídos pelas regiões Centro-Sul, Centro-Oriental, Sudeste e Região Metropolitana de Curitiba.

Esta forma de organização rural, embasada na produção animal com uso de território coletivo, na produção agrícola e extração da erva-mate, possui como bússola o direito consuetudinário, ou seja, um conjunto de normas provenientes dos costumes de uma comunidade, afastando-se de um processo formal de criação de leis. Estima-se que cerca 9,5 mil famílias fazem parte do sistema, totalizando aproximadamente 32,2 mil faxinalenses integrantes da comunidade no Paraná (SOUZA, 2008).

## **O FUTURO DOS FAXINAIS**

---

O futuro dos faxinais no Paraná é alvo de desavenças. Segundo a linha de pensamento desenvolvimentista — representados pelas obras de Horácio Martins de Carvalho (1984) e Chang Man Yu (1985), para citar alguns —, a modernização do campo representa um fator primordial neste processo. A partir de meados da década de 1950 e até o final de 1960, a expansão das lavouras e a modernização da agricultura brasileira tomou conta do interior do país, tendo os anos 1970 como ápice, em termos de modernização tecnológica e acentuação da monocultura. Em meio ao uso deliberado de máquinas e fertilizantes, o sistema faxinalense não acompanhou os interesses industriais (CHANG, 1985).

Nesse contexto, o processo foi incompleto e desigual, favorecendo os produtores dedicados à exportação e prejudicando as pequenas comunidades rurais, pois é “evidente que em uma modernização agrícola sem modificações na estrutura fundiária, as condições para o acesso às medidas implementadas para promover tal modernização sejam também discriminatórias” (CHANG, 1985, p. 69). Com isso, os proprietários de grandes lavouras, bem como a lógica industrial tornaram-se antagonistas aos povos faxinalenses (ALMEIDA; SOUZA, 2009). Em meio à vulnerabilidade política e econômica, não demorou mais que algumas décadas para o início da fragmentação do sistema e da comunidade.

Atualmente, as comunidades faxinalenses buscam manter as suas práticas tradicionais, baseadas no trabalho familiar, no uso comum da terra e na conservação ambiental. Enquanto isso, a contínua ameaça às comunidades representa um risco à conservação da biodiversidade e a falta de agrupamento político diminui a sua participação no debate público. Relatos, colhidos através de entrevistas realizadas pela autora, evidenciam a hostilidade por parte dos proprietários de terras que cercam os faxinais e lesionam a criação, anunciando o isolamento do sistema e consequente desintegração. A imagem abaixo, registrada em 2019, na inserção ao faxinal Campestre dos Paula, em Mandirituba, Região Metropolitana de Curitiba, ilustra a violência enfrentada pelo sistema.



Fonte: Imagem registrada por Hiago Rizzi, em 2019.

A crença negativa do destino dos faxinais foi duramente criticada e contrariada por pesquisadores envolvidos com o movimento dos trabalhadores rurais, como refletem as pesquisas de Roberto Martins de Souza (2010). A constante reprodução científica do gradual desaparecimento dos faxinais dificultam o pensamento acadêmico sobre o tema e “têm orientado de forma variável, desde a década de 1980, os produtores intelectuais e os planejadores públicos na modernização tecnológica dos sistemas tradicionais em planos e projetos desenvolvimentistas” (SOUZA, 2010, p. 16).

Nesta reflexão, Souza (2010) compreende que os faxinalenses se encontram em um momento marcado por conflitos, além de um estado permanente de constrangimento e desrespeito aos seus direitos básicos. No entanto, os faxinais estão incluídos nos processos de desenvolvimento dos últimos 50 anos e, hoje, se apresentam mediante novos formatos de uso coletivo da terra. Nesta nova leva de pesquisas direcionadas ao uso das propriedades rurais do interior do Paraná, começa-se a perceber e a valorizar a autodefinição dessas comunidades e “a forma como vão construindo suas identidades mediante processos de mobilização em defesa de sua tradição” (SOUZA, 2010, p. 22).

## **SETE SALTOS DE BAIXO**

---

O faxinal Sete Saltos de Baixo está localizado no distrito de Itaiacoca, no município de Ponta Grossa, Campos Gerais do Paraná. A comunidade está inserida na região da Serra das Almas, localizada entre o primeiro e o segundo planalto paranaense, entre os municípios de Ponta Grossa e Campo Largo. O faxinal é vizinho de outras duas comunidades tradicionais, o quilombo Palmital dos Pretos e a comunidade rural Lageado Grande. As três comunidades estão situadas a cerca de 50 quilômetros de Ponta Grossa, mas também fazem divisa com Campo Largo. Tal proximidade faz com que as comunidades não vivenciem “a divisão dos municípios como uma barreira, mas como um espaço que faz parte do seu território de solidariedade, buscando o atendimento de suas necessidades em ambos os municípios” (STANISKI, 2016).

Em maio de 2013, a Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Sema) registrou Sete Saltos de Baixo como Área Especial de Uso Regulamentado (Aresur) com uma área total de 106,3 hectares. Em meados da década de 1980, há registros que apontam que o faxinal abrangia um total de 600 hectares, somente nas áreas de criadouro comum. Os repasses do ICMS Ecológico, previstos legalmente através do reconhecimento do território como Aresur, nunca aconteceram por parte da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, segundo a comunidade.

Ao todo, cerca de 80 famílias que moram em Sete Saltos de Baixo, das quais 22 compartilham o criadouro comum, conforme relato dos moradores. As principais atividades econômicas desenvolvidas são a agricultura — como milho e feijão — e a criação de animais — como porcos e galinhas —, mas muitos integrantes também trabalham como motoristas escolares, funcionários públicos, carpinteiros, costureiros e empregados das duas principais indústrias da região: a Águia Florestal Ind. e Madeiras Ltda (STANISKI, 2016).

Atualmente, Sete Saltos de Baixo é o último faxinal do Distrito de Itaiacoca. As comunidades de Mato Queimado, Carazinho, Caçador dos Gonçalves, Caçador do Casemiro, Carandá e Antunes não resistiram às pressões fundiárias. Em 1994, o Banco Banestado comprou seis hectares de Mato Queimado, 10,8 hectares da comunidade Antunes e 12 hectares do faxinal Carandá, uma área equivalente a 288 mil metros quadrados, que foi desmembrada dos criadouros comuns (FERREIRA, 2017).

Ainda assim, segundo Ferreira (2017), outros fatores contribuíram para a desarticulação dos faxinais na região, como a nuclearização das escolas e mudanças no



---

transporte escolar, a compra de terras e os cercamentos de propriedades particulares para uso estritamente individual por proprietários externos, a dissolução dos laços entre a comunidade e a ausência de políticas públicas voltadas à preservação do sistema.

## **JORNALISMO CIDADÃO E LIVRO-REPORTAGEM**

Para resgatar os princípios do relacionamento entre jornalismo e cidadania, é preciso recorrer aos estudos de Mesquita; Traquina (2003), que compreendem a atividade jornalística como um serviço público, no qual o compromisso com o leitor é hierático. Nesse sentido, o jornalismo possui um íntimo relacionamento direto e perene com a esfera e opinião pública, pois, logo após à verdade, a promoção do debate público é um pilar essencial ao ofício do jornalismo (ROSENSTIEL; KOVACH, 2004).

Na prática, o jornalismo cidadão possui os seguintes direcionamentos: a) além de informar, o jornalismo cidadão deve contribuir para a melhora da vida pública; b) a atividade jornalística deve assumir o papel de “participante justo” e renunciar a noção do “observador desprendido”; c) enfatizar as conexões na teia de acontecimentos e; d) compreender o leitor não somente como consumidor do material, mas como agente na vida democrática e no espaço público (TRAQUINA, 2015).

Os jornalistas são alguns dos agentes sociais que possuem como responsabilidade prover para os cidadãos os recursos necessários para uma efetiva participação na vida democrática. O jornalismo cidadão, nesse sentido, resgata os valores fundamentais da profissão, ao mesmo tempo que rompe com as gastas diretrizes do jornalismo diário e do discurso da objetividade (FERREIRA; ALVES, 2016). O jornalismo cidadão, portanto, representa “uma importante brecha com a busca frenética de notícias, a postura cínica com a vida política, a dependência excessiva nas fontes oficiais, e a desatenção flagrante para com os cidadãos” (TRAQUINA, 2015, p. 303), possuindo os instrumentos e direcionamentos capazes de reafirmar as verdadeiras missões da atividade jornalística.

A conservação do meio ambiente e da biodiversidade são preocupações intrínsecas ao sistema faxinal. Não há agricultura de subsistência ou criadouro comum sem um cuidado legítimo com a manutenção da vida florestal remanescente nas propriedades faxinalenses. Com isso em mente, não é possível pensar em uma

---

abordagem jornalística sobre o sistema faxinal, sem um olhar para a comunicação e o jornalismo ambiental. Enquanto a comunicação ambiental representa um conjunto de “ações, estratégias, produtos, planos e esforços de comunicação destinados a promover a divulgação/promoção da causa ambiental” (BUENO, 2007, p. 34), o jornalismo ambiental propõe incrementar o debate ambiental a partir da qualificação e divulgação de informações devidamente contextualizadas.

Após a organização de grupos de pesquisa dedicados ao assunto e o desenvolvimento dos profissionais da área, conclui-se que o objetivo das coberturas jornalísticas ambientais é “desvendar conexões ocultas que perpassam a sociedade, não se detendo unicamente no que é tido como ambiental” (LOOSE, 2010, p. 16). Tal jornalismo não representa somente uma especialização profissional, mas a realização de uma atividade engajada que exige um ponto de vista diferenciado sobre o mundo, a partir de três funções segundo Bueno (2007), sendo elas a informativa, a pedagógica e a política. Na busca por informações verídicas, o jornalismo deve destrinchar as possíveis causas, consequências e soluções, enquanto promove a mobilização da sociedade civil.

Dentre outros formatos noticiosos, o jornalismo literário possui uma “força comunicativa poderosa e uma qualidade estética notável”, ao reunir as informações ao mesmo tempo que apela para os sentidos humanos (LIMA, 2010, p. 11). Ou seja, cumpre a missão de informar o leitor adequadamente, preservando o método jornalístico, porém adicionando uma estrutura narrativa diferenciada e promovendo o aprofundamento do conteúdo. As cenas descritas possuem natureza quase visual, além de complementações sensoriais que despertam a audição, olfato, tato e paladar do leitor, “assim, ao esqueleto formado pelas informações básicas, acrescenta-se o recheio dos elementos que apelam aos sentidos” (LIMA, 2010, p. 15).

Como Pena (2006) descreve, o jornalismo literário pode ser explicado como uma estrela de sete pontas, na qual cada uma representa uma característica inerente à modalidade. São elas: o desenvolvimento das técnicas jornalísticas convencionais, o não comprometimento com a periodicidade e a atualidade, o fornecimento de uma visão ampla da realidade, o exercício da cidadania, a quebra do *lead*, a pluralidade de fontes e, por fim, a perenidade da obra. Todos estes elementos são “imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico” (PENA, 2006, p. 13). O jornalismo

---

literário trabalha justamente com estes direcionamentos, visto que possui o compromisso em “desvendar as teias dos acontecimentos” (LIMA, 2010, p. 22).

O suporte/gênero também possibilita uma cobertura jornalística diferenciada em contraponto com as poucas disponíveis nos noticiários, situação comum descrita por Eduardo Belo: “diariamente, os veículos desprezam o acompanhamento de boas histórias [...] obrigando os profissionais interessados na reportagem a procurar caminhos alternativos” (2006, p. 15). Nesse sentido, enquanto o jornalismo diário ocupa a sua função informativa pautada pela agilidade, o livro-reportagem surge como outra prática pautada pela investigação aprofundada.

Nesse contexto, entre as classificações de livro-reportagem propostas por Lima (2008), este trabalho se encontra em um espaço de hibridez. A intenção é utilizar múltiplas abordagens conforme as diferentes necessidades narrativas ao longo da pesquisa e do trabalho em campo.

### **SERRA DAS ALMAS: NOTÍCIAS DE UM FAXINAL QUE SE DESPEDE**

Consolidado em um livro-reportagem, o presente trabalho é centrado na atual situação da luta faxinalense e do futuro do sistema faxinal no Paraná, a partir da imersão no criadouro comum Sete Saltos de Baixo, em Ponta Grossa. O título *Serra das Almas: notícias de um faxinal que despede* foi escolhido por representar as atuais tensões vividas pelas comunidades faxinalenses, como é visto no caso de Sete Saltos de Baixo.

A obra se encontra em um espaço híbrido no mercado editorial. Ao mesmo tempo que representa um produto universitário e experimental, o livro-reportagem também pretende seguir os princípios do jornalismo cidadão e busca contribuir para a integração da comunidade faxinalense no debate público e no resgate de suas memórias. Afinal, o livro-reportagem é um gênero consolidado no mercado editorial brasileiro — através de autores como Fernando Morais, Ruy Castro, Eliane Brum, Caco Barcelos e, mais recentemente, Daniela Arbex e Chico Felitti — e a sua circulação corresponde a uma presença relevante no número de vendas, trazendo títulos que resgatam a curiosidade do leitor pelo que ocorre à sua volta (CATALÃO JÚNIOR, 2010).

Foram realizadas quatro entrevistas em profundidade. Entre elas, duas com líderes faxinalenses e moradores da comunidade para a coleta de relatos e duas com

especialistas para apoio teórico e embasamento para o livro. As outras sete entrevistas foram mais diretas, com demais moradores do faxinal e especialistas variados para a checagem de informações.

O projeto gráfico-editorial foi desenvolvido pela jornalista Bárbara Tanaka. Buscou-se o uso expressivo de fotografias realizadas durante as inserções e a produção de mapas e infográficos elucidativos, visto que os recursos visuais são fundamentais para a ilustração do sistema faxinal e, portanto, para a fluidez da obra. A partir de tais discussões, Tanaka realizou o projeto gráfico e a diagramação do produto, além de idealizar e produzir a capa da obra. Atualmente, o livro está disponível no formato de um e-book tradicional, mas também possui versão impressa em uma pequena tiragem.



Fonte: Imagem retirada do e-book, 2022.

O prefácio do livro-reportagem é de autoria da engenheira agrônoma do Instituto Água e Terra (IAT) Margit Hauer. A engenheira foi a primeira entrevistada sobre o tema, ainda em 2019, e no texto compartilha seu conhecimento sobre o sistema no Paraná e abre margem para o papel do jornalismo na visibilidade dos povos tradicionais.

A primeira parte do livro, intitulada *Ontem*, inicia a jornada diretamente no faxinal Sete Saltos de Baixo, resgatando a história da comunidade e do sistema como

---

um todo no Paraná. A segunda parte, intitulada *Hoje*, retoma a jornada no faxinal, desenvolvendo causos e personagens, ao mesmo tempo que destaca os atuais atores que ameaçam o sistema, em contraponto com as iniciativas que o fortalecem. A última parte, intitulada *Amanhã*, expõe, sob diferentes visões, alguns caminhos para a luta faxinalense. Nesse momento, especialistas e personagens possuem espaço para refletir sobre os rumos do sistema no Paraná, abrindo margem para um diálogo sobre o futuro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar imerso na realidade faxinalense é estar imerso em uma porção de dúvidas. O passado é incerto, assim como o presente e quem dirá o futuro. Em meio à incerteza, a luta pela terra é um caminho certo a ser seguido. O livro-reportagem apresentado como produto deste trabalho aborda o tema de maneira jornalística e literária, buscando trazer à superfície conflitos enterrados ao olhar do espectador comum, ou melhor, leitor.

Além da fundamentação teórica realizada para esta pesquisa, o contato com as fontes, sejam especialistas ou personagens, permitiu dar uns passos para trás e, com uma visão mais ampla, encontrar as tensões sofridas pelos povos faxinalenses no Paraná. As imersões realizadas em Sete Saltos de Baixo não só deixaram expostas as ameaças contra o sistema, como destacou as iniciativas que o fortalecem.

À medida que a investigação era aprofundada, tanto pela pesquisa bibliográfica, quanto pelas entrevistas e imersões, as questões que envolvem os faxinais no Paraná se revelaram mais instigantes a cada passo. Atualmente, é fácil perceber como a primeira reportagem realizada sobre o tema, em 2019, era ingênua se comparada com os resultados colhidos com esta pesquisa. A narrativa dos faxinais não é fácil de ser construída, mas nas simples conversas regadas a chimarrão é que a tenacidade deste povo secular se tornava mais óbvia.

Este trabalho, portanto, não encontra seu fim neste momento, visto que a vontade em engrandecer a luta faxinalense através do trabalho jornalístico prevalece. A intenção é continuar em caminhada com a mobilização faxinalense, colaborando para a maior visibilidade do sistema no Paraná e, mais importante, para a valorização da memória oral e preservação desta comunidade secular.

---

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. W. B.; SOUZA, R. M. (Orgs.). **Terras de faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2009. 184p. (Coleção tradição e ordenamento jurídico, v. 4).
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRASIL. **Decreto n. 6.040, de 07 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, 08 fev. 2007.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 15, Editora UFPR, 2007.
- CARVALHO, H. M. **Da aventura à esperança: a experiência autogestionário no uso comum da terra**. Curitiba, 1984.
- CATALÃO JÚNIOR, Antonio Heriberto. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 2010. 252 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010.
- CHANG, M. Y. **Sistema faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná**. Dissertação de Mestrado. UFRRJ. Rio de Janeiro, 1985.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. **Cidades brasileiras: origem e significado de seus nomes: Paraná**. Editora Memória do Brasil, 2000.
- FERREIRA, Marilei de Fátima. **Povos e comunidades tradicionais: relações com a escola do campo**. 2017.
- FERREIRA, Fernanda Vasques; ALVES, Marcelli. **Pensando caminhos alternativos: a perspectiva do jornalismo cívico**. 2016.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2008.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Clube de Autores, 2010.
- LOOSE, Eloisa. **Jornalismo ambiental em revista: das estratégias aos sentidos**. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- NERONE, Maria Magdalena. **Sistema faxinal: terras de plantar, terras de criar**. EDUEPG-Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015.
- PARANÁ. Decreto Estadual n. 3.446, de 25 de julho de 1997. Cria as áreas especiais de uso regulamentado – ARESUR no estado do Paraná e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, n. 5067, 14 ago. 1997.
- PARANÁ. **Lei n. 15.673, de 13 de Novembro de 2007**. Dispõe que o Estado do Paraná reconhece os Faxinais e sua territorialidade, conforme específica. Disponível em:

---

<<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=105&indice=1&totalRegistros=1>>.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSENSTIEL, T.; KOVACH, B. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais de jornalismo devem saber e o público deve exigir. 2ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

SOUZA, Roberto Martins de. **Mapeamento social dos faxinais no Paraná**. Terras de Faxinais, Editora UEA, Manaus-AM, Brazil, p. 29–88, 2008.

SOUZA, Roberto Martins de. **Na luta pela terra, nascemos faxinalenses**: uma reinterpretação do campo intelectual de debates sobre os faxinais. 2010.

STANISKI, Adelita. **Os saberes mateiros das comunidades tradicionais da região Serra das Almas, Paraná**: Histórias De Vida e Paisagens. 2016.

TRAQUINA, Nelson.; MESQUITA, Mario. **Jornalismo cívico**. Lisboa: Horizonte, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo cívico**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.